A Ideologia Olímpica

Gen. Jayr Jordão Ramos
ex-instrutor da EsEFE e Vice-Presidente da FIEP — Fédération Internationale D'Éducation Physique

Para expressar algo sobre a Ideologia Olímpica, cheia de grandeza e ensinamentos, é preciso buscar dados nos Jogos Gregos e meditar sobre os pensamentos de Pierre de Coubertin.

No decorrer do nosso trabalho, constantemente, ressaltaremos o espírito e o idealismo olímpico, sobretudo através dos Jogos, que vindos de priscas eras, consolidaram-se, em definitivo, nos estádios da terra de Sócrates, Platão e Aristóteles.

O espirito olimpico está integrado na consciência humana. Criado na Grécia, tem suas raizes na pré-história dos povos primitivos. De maneira idêntica a quase todos os desportos, aparece em plenitude em certas épocas e entra em decadência em outras, para ressurgir, mais tarde, como fato social de importância, marcando o apogeu de determinadas civilizações. É parte imortal do **homem** e goza de **eterna juventude**.

O **ideal olímpico** é objeto de aspiração desportiva. Confunde-se, algumas vezes, no trato das questões competitivas, com o **espirito olimpico** e o **fair-play**.

O **fair-play** é uma expressão inglesa de difícil tradução, cujo conhecimento, para efeito de aplicação, deve ser generalizado no meio desportivo entre atletas, dirigentes e espectadores. Em última análise, é o jogo limpo e a conduta cavalheiresca. Quando empregado, com propriedade, constitui homenagem ao valor moral do desporto e à nobreza dos desportistas.

Tiveram as competições gregas, na Antiguidade Clássica, em Pindaro, o seu maior cântor. Valem por muitas palavras os seus versos, escritos em dórico e acompanhados na lira, descrevendo os dias olímpicos, plenos de grandeza e esplendor:

"Ó mãe da peleja, coroada de ouro,
Olímpia, empório da verdade."

Discóbulo de Miron, cópia da obra-prima do V século A.C., pertencente ao Museu do Vaticano.

Os Jogos Olímpicos, na época do seu ponto mais alto, duravam seis dias. No derradeiro, de maneira solene, realizavam-se atos religiosos e alegres festivais. Durante a noite, reunidos, juízes e desportistas vencedores, efetuava-se o grande banquete da vitória, como nos descreve Carl Diem, notável historiador e helenista, remontando a cena com admiráveis versos de Pindaro:

"Quando ao anoitecer a formosa Selene
Envia a sua bela luz,
Durante o alegre banquete, todo o bosque
Ressoa com as notas do canto vitorioso."

Na manhã seguinte começava o regresso dos atletas para suas cidades, que se glorificavam com suas vitórias.

A celebração em honra de Zeus e outros deuses, no recinto de Olímpia, marcava a sobrevivência do paganismo, por conseguinte, oportunidade de antigas práticas, em época de progresso do cristianismo. Levado por tal fato, o imperador romano Teodósio, no ano 394 d.C., pôs uma pá de cal em tão extraordinárias competições. Olímpia, que era o verdadeiro coração da Grécia, mesmo do mundo mediterrâneo, entrou em ruinas, mas deixou para a posteridade a sua ideologia sagrada.

Se os atuais Jogos Olímpicos prosseguirem, como na Antiga Grécia, atingirão o ano 3.066.

Em fins do século XIX, Pierre de Coubertin, partidário do esforço físico ao lado da atividade intelectual, e humanista impregnado das lições da Velha Grécia, como um renascentista tardiamente chegado, começou a pensar em reviver os Jogos Olímpicos, demonstrando na tarefa rara espiritualidade. Durante anos, através de conferências e recrutamento de idealistas cooperadores, sem esmorecimento, empreendeu intensos trabalhos.

Referindo-se a Coubertin, diz Pierna-vieja Del Pozo que, atrás de sua diminuta figura, "ocultava-se a inteligência de um sábio, o coração de um herói e a energia de um gigante, tudo temperado pela serenidade do filósofo e a clarividência do pedagogo".

Finalmente, em 1896, no estádio de Atenas, reconstruido e resplandecente de brancura, a Grécia celebrava, com indescritível entusiasmo, os primeiros Jogos Olímpicos Contemporâneos. O carro triunfal estava de novo em marcha!... Em marcha segundo o modelo grego, impregnado do espírito cavalheiresco medieval e do sentido de fraternidade dos novos tempos. Restauradas estavam as antigas competições de Olímpia, não pela importância de suas disputas, mas, sobretudo, pelo seu elevado valor cultural, capaz de ajudar a construir um mundo melhor e mais feliz.

Os Jogos Olímpicos, admirável síntese e perfeita expressão do desporto moderno, tornaram-se o que Coubertin sonhara: uma fonte de amor entre os povos. Os desvios atuais, longe de afetar a fraternidade individual, são frutos da época explosiva em que vivemos, resultante de um mundo em transformação.

Rudyard Kipling, o grande bardo do Império Britânico, como Coubertin, sentiu e traduziu em versos proféticos o valor da competição, aqui expressos em forma de prosa:

"Ó o Leste é Leste e o Oeste é Oeste
E nunca estes dois gêmeos se entendem,
Até que a Terra e o Céu apareçam
Diante de Deus no julgamento final.
No entanto, não há Leste e Oeste,
Fronteira, raça e nascimentos não são levados em conta,
Quando dois homens fortes se defrontam."

Todas as nações, nos quatro cantos da Terra, se interessam pelo olimpismo

e participam dos seus Jogos. As atividades físicas tornaram-se populares em todos os continentes, no mundo inteiro, modificando os hábitos e exercendo profunda influência sobre a saúde pública. Coubertin universalizou e democratizou o desporto, uma das mais importantes manifestações da vida atual. Pode-se afirmar, inclusive, que a sua obra foi altamente humanitária, sendo justo considerá-lo como figura máxima da história contemporânea do desporto e um dos grandes benfeitores da humanidade.

O olimpismo é uma das grandes realidades do nosso tempo. Depois do fator religioso, forma, com o interesse artístico e a compreensão científica, o laço mais forte do estreitamento das relações humanas. **Citius - Altius - Fortius** é o seu lema, palavras latinas significando mais veloz, mais alto e mais forte. É a divisa de todos que desejam bater recordes.

Desde a Velha Grécia, sente-se grande afinidade entre cultura e desporto, duas fontes do mesmo humanismo, na observação feliz de René Maheu, figura ímpar da UNESCO, instituição que sempre teve a consciência humana do desporto. Este e a cultura procedem da mesma fonte, que se denomina lazer. São duas culturas que se entrelaçam — a do espírito e a do corpo, a do pensador e a do atleta. Nelas está sintetizado, vindo de priscas eras, o espírito olímpico.

Lembra-nos Cagigal, expressando o pensamento de Phillipe Dezil, que o **homem completo** é como Eurípedes, poeta da Velha Grécia que escreveu Ifigênia, drama relativo à guerra de Tróia, com a mesma mão que, nos Jogos Olímpicos, recebeu a coroa de atleta vencedor. Pelo visto, a língua e o desporto constituíam requisito de cultura.

No primeiro quartel do século XX, referindo-se à literatura, Henry da Montherlant, escritor francês, disse em certa ocasião: "A poesia é o conteúdo fundamental do desporto."

As considerações acima levam-nos a assinalar, a título de exaltação do espírito olímpico, alguns pensamentos admiráveis, que ressaltam o elevado alcance social das competições olímpicas. Ei-los:

a. O olimpismo tende a reunir em um facho radiante todos os princípios que concorrem para o aperfeiçoamento do homem (Pierre de Coubertin).
b. Que a chama olímpica resplandeça, através das gerações para o bem da humanidade, cada vez mais elevada, mais intrépida e mais pura (Pierre de Coubertin).

c. Antes de tudo é necessário que mantenhemos no desporto as características de nobreza e de cavalheirismo, que o distinguiram no passado, de maneira que ele continue a fazer parte da educação dos povos, assim como serviu admiravelmente nos tempos da Grécia Antiga. A humanidade tem a tendência de transformar o atleta olímpico em gladiador pago (Pierre de Coubertin).

d. O importante nos Jogos Olímpicos não é vencer, mas competir, porque o essencial na vida não é conquistar, mas lutar (Arcebispo de Pensilvânia e Pierre de Coubertin).

e. Quando se golpeia no coração dos homens, despertam-se as forças espirituais. Não há dúvida de que os Jogos Olímpicos constituem, antes de tudo, uma força espiritual (Marcelo Garroni)

f. O mito olímpico é uma poética evocação dos velhos tempos de liturgia religiosa desportiva, que tanto unia os povos helênicos, e que ainda bate vigorosamente no coração de muitos homens de boa vontade, constituindo uma prova de interesse que o desporto desperta entre os expoentes máximos do pensamento moderno (Miguel Piernavieja Del Pozo).

g. Não nos esqueçamos de que os Jogos Olímpicos foram criados não para ser um campeonato mundial, ou uma feira de músculos, mas uma manifestação pedagógica e uma festa da juventude em escala universal (Otto Meyer).

h. Os Jogos Olímpicos são festas de idéias e servem para uma humanidade melhor (Avery Brundage).

i. Os Jogos não tem, como os da Grécia Antiga, o poder de fazer cessar as guerras ou pelo menos interrompê-las; mas suas competições, que reúnem no estádio a juventude mais vigorosa de todos os continentes, criam, entre os povos, uma compreensão e solidariedade, rica de esperanças para o futuro da humanidade (Lando Ferreti).

j. Os Jogos Olímpicos devem concretizar um ideal: primavera das nações, ligação da cultura espiritual e da cultura física, compreensão, para além de todas as barreiras raciais, religiosas e políticas. (Will Daume)

Dentro das idéias contidas neste trabalho, não podemos deixar de expressar a nossa admiração por Nadia Comaneci, sem favor, a vedeta dos Jogos de Montreal. Ela demonstrou, apesar de sua tenra idade, estar perfeitamente integrada na ideologia olímpica.

Finalmente, chegamos ao fim das nossas considerações. É o momento de expressarmos algo sobre as graves questões que afetam a sobrevivência dos Jogos Olímpicos, impondo soluções adequadas e urgentes.

No falso amadorismo, no nacionalismo exagerado, no totalitarismo dissolvente, no desconhecimento da filosofia olímpica, na dopagem desleal, na exploração comercial e nas restrições políticas e raciais estão os principais problemas. Quase todos estes problemas surgiram também na decadência da Velha Grécia, deturpando o idealismo desportivo puro dos primeiros tempos dos Jogos.

Os Jogos não podem morrer. Não devem voltar para a Grécia, que não tem condições de realizá-los. Ela mesmo reconheceu, no princípio do nosso século e após sérias divergências, que o mito grego ganhou extensão internacional.

Depois dos Jogos de Roma, quando menor era a complexidade das questões, o Conselho Internacional para a Educação Física e Desportos (CIEPS), liderado por Philip Noel Baker, redigiu um projeto de Manifesto, apresentando propostas para solucionar os problemas. O seu texto não é dogmático nem definitivo, por conseguinte, sujeito a críticas e recebimento de outras idéias. No seu conteúdo geral, constitui uma peça magnífica de alto valor cultural. Não existe documento melhor, reconhecido mundialmente, para a retomada do assunto.

Não se pode perder tempo. Torna-se necessário que o Comitê Olímpico Internacional procure para os problemas uma solução válida, apoiada simultaneamente nos imperativos da moralidade, da justiça social, da promoção humana e do verdadeiro espírito desportivo. Temos de escolher a palestra grega em lugar do circo romano. Os Jogos Olímpicos, conservando o ideal do **fair play**, jogo leal e essência de qualquer competição, necessitam ser reestruturados, sem prender-se a fórmulas do passado, diante dos fatos de um mundo novo. Não temos dúvida, de que a força do ideal olímpico vencerá todas as resistências, para assegurar duração eterna aos Jogos, no caminho difícil dos atuais entendimentos internacionais.

BIBLIOGRAFIA

1. **História de los Deportes**, C.Diem, Barcelona, 1966.
2. **L'Ideologie Olympique**, O. Szymiczec, Bulletin de la FIEP (n.° 4), 1975.
3. **Les Causes du Déclin de Jeux Antiques**, Bulletin de la FIEP (n° 4), 1975.
4. **Les Jeux Olympiques**, COI, Lausanne, 1964.
5. **Les Jeux Olympiques** de 1964, Tóquio, 1964.
6. **Manifesto do Desporto**, CIEPS, Revista de Educação Física (n° 96), Rio de Janeiro, 1966.
7. **Os Jogos Gregos e as Olimpíadas Contemporâneas**, J.J. Ramos 1970.
8. **Os Jogos Olímpicos Contemporâneos**, J.J. Ramos, Revista Brasileira de Educação Física (n° 26), 1975.